

# Resenha do livro “Sociologia da Educação” de Alberto Tosi Rodrigues

Cassiane Gonçalves dos Santos

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da educação*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

## Resumo

Como citar esse artigo. dos Santos CG. Resenha do Livro “Sociologia da Educação” de Alberto Tosi Rodrigues. Revista Mosaico. 2016 Jul./Dez.; 07 (2): 38-40.

Esta resenha tem por objetivo demonstrar a importância da obra “Sociologia da Educação” de Alberto Tosi Rodrigues, que está em sua sexta edição e se mantém atual para a reflexão sobre a educação e seu papel na sociedade na contemporaneidade. **Palavras-Chave:** Pedagogia; Teorias; Sociedade

## Abstract

This review aims to demonstrate the importance of the work “Sociologia da Educação” by Alberto Tosi Rodrigues, which is in its sixth edition and remains current for reflection on education and its role in contemporary society.

**Keywords:** Pedagogy; Theories; Society

Alberto Tosi Rodrigues, em sua obra “*Sociologia da Educação*”, demonstra que a educação possui papel fundamental na estruturação da vida social e na oferta de desenvolvimento aos indivíduos. Ao olharmos a Educação através da sociologia, a pedagogia torna-se a base das práticas educacionais: todas as crenças, costumes e valores adquiridos no coletivo são fundamentos da pedagogia.

Neste contexto, o autor aborda a sociologia como disciplina que se preocupa em resgatar todas as relações estruturadoras do meio social contemporâneo. Toma por base o desenvolvimento a partir do capitalismo e as fortes transformações sofridas a partir do século XIX.

No primeiro capítulo, intitulado “Breve sociologia do professor virtual”, cita o sociólogo americano Donald Levine, que afirma que as novas gerações recebem fragmentos do conhecimento e aponta para a dificuldade, segundo ele, da geração MTV em argumentar sobre as situações vividas na sociedade moderna, vinculando ao processo histórico.

No capítulo seguinte, “Sociedade, educação

e vida moral”, o autor aborda as visões do Sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) e, posteriormente, suas contribuições aos processos educacionais. Para que se compreenda melhor seus conceitos, é preciso considerar que a vida se dá no meio moral, e que o homem faz a sociedade ao mesmo tempo que a sociedade faz o homem.

O indivíduo, por ser naturalmente social, está impregnado de modos de agir que exercem sobre ele uma coerção exterior, onde as manifestações coletivas sobrepõem-se às individuais. Devido a isto, estamos impregnados de influências de outros homens, sejam desta época ou dos que viveram há muitos anos e ajudaram a construir a sociedade que conhecemos. Devemos, então, segundo o sociólogo, estudar a sociedade como um todo, já que este se antepõe sobre as partes.

Dentro do reino moral, aprendemos a agir da forma com que a sociedade deseja, a partir das crenças e hábitos desenvolvidos. A vida coletiva exige cooperação e consenso, fundamentais para sua existência. O fato é que dependemos uns dos outros e, para o sociólogo, a divisão do trabalho é a solução pacífica da luta pela vida.

Afiliação dos autores: Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Severino Sombra, Vassouras - RJ.

\*Endereço para correspondência: Universidade Severino Sombra, Av. Exped. Oswaldo de Almeida Ramos, 280 - Centro - Vassouras, RJ - CEP 27700-000.  
email: cassianasantos1@hotmail.com

Recebido em: 13/12/2016 Aceito em: 13/12/2016

Com base em todos estes conceitos, para Durkheim, “educação é socialização”, e esta deve adequar-se aos diversos meios morais, ou seja, não é homogênea, apesar de existirem alguns costumes comuns a todos. Com ela, aprendemos a conviver em sociedade e incorporamos as regras e costumes necessários à vida coletiva.

No terceiro capítulo, “Sociedade, educação e emancipação”, aborda as ideias de Karl Heinrich Marx (1818-1883), forte influência do pensamento ocidental do século XIX e do início da sociedade capitalista que conhecemos.

O objeto de pesquisa de Marx foi a sociedade capitalista de seu tempo, e combinou em seu pensamento uma perspectiva analítica e normativa. Para ele, o que move a sociedade é a luta entre as classes sociais. Tal processo surge da ideia de que a história humana se baseia na relação dos homens com a natureza e entre si e, para isso, o trabalho humano faz-se necessário. O domínio das forças produtivas torna-se influente na divisão social do trabalho, o que gera as relações sociais de produção, onde uns trabalham para os outros e formam as classes sociais.

Sua teoria busca também explicar a relação entre o mundo das ideias e o mundo concreto, produtivo. As formas de exploração do trabalho estabelecem o lugar e a função de cada indivíduo, expressos na relação entre proprietários e trabalhadores. Assim, o trabalho é muitas vezes percebido como algo que foge do controle do indivíduo, o que Marx denomina alienação, e através dela o homem adquire uma consciência falsa do mundo em que vive. Não vendo outra saída, o indivíduo comporta-se de acordo com o sistema, seguindo a ideologia dominante. Mas apesar de todos esses conceitos baseados na produção capitalista, o autor acreditava numa revolução social e política que daria origem a sociedade comunista, algo utópico ao considerar nossa atual organização.

No contexto educacional, Marx via este processo como uma das mais importantes formas de perpetuação da exploração de uma classe sobre a outra, pois é através dela que as ideologias são inculcadas e a opressão é perpetuada. A preocupação da educação deveria, então, ser o rompimento da alienação do trabalho, conduzindo efetivamente à emancipação do sujeito. Acreditava, ainda, que as crianças deveriam combinar o trabalho e a educação em sua formação integral e defendia

um ensino público e igual para todos, excluindo o ensino estatal tendencioso.

No capítulo subsequente, “Sociedade, educação e desencantamento”, com base nas ideias de Max Weber (1864-1920), a sociedade torna-se uma fonte de variadas interações entre os indivíduos que, por sua vez, veem o mundo a partir de seus valores, observados na relação que mantêm coletivamente. Um de seus principais conceitos gira em torno da ação social, que ocorre a partir do momento em que o sujeito, ao realizar determinada ação, leva os outros em consideração. Deste ponto surgem as diferentes formas de ação social, baseadas nos fins, nos valores, na afetividade ou na regularidade.

O indivíduo é obrigado a relacionar-se com as normas sociais, baseando-se no agir em comunidade e no agir em sociedade, englobando a expectativa do comportamento do outro e os regulamentos sociais. Quando estas regras permanecem e são naturalizadas pelos sujeitos, Weber diz que elas se institucionalizaram. Neste processo, as regras foram tornando-se cada vez mais racionais e, com o poder que detêm, exercem o que o sociólogo chama de dominação, muitas vezes legitimada pelas pessoas.

Num estudo baseado na ação e na interação dos indivíduos, quanto mais complexas as sociedades, portanto, mais conflitivas, maior o número de regras a serem obedecidas. Tais regras são feitas a partir da imposição da vontade de uns sobre os outros, algo chamado por Weber de dominação. Esta, para legitimar-se, está baseada ora na tradição, ora no carisma do líder ou na força do direito racional.

Para ele, a educação seria o meio pelo qual os homens são preparados para cumprir suas funções, dispostas a eles através das transformações e da racionalização da vida. Todo este processo altera drasticamente os modos de educar: ela passa a ser agora um meio de separação, de treinamento imposto pelo Estado aos sujeitos, deixando de lado o caráter humanista à medida que valoriza o poder e o dinheiro que podem ser conquistados.

No quinto capítulo, “Três visões sobre o processo educacional no século XX”, Tosi analisa três visões educacionais no ponto de vista de Bourdieu, Gramsci e Mannheim que, por sua vez, retomam o ponto de vista de Durkheim, Marx e Weber.

Bourdieu, primeiro autor mencionado no

capítulo, possui uma versão mais enérgica do modelo durkheimiano: “em seu estruturalismo, os sujeitos são vistos como fantoches dos grupos dominantes, e como tais, apenas reproduzem ações”. Para ele, os indivíduos estão apenas submetidos aos comandos sociais, não reconhecem tal fato e naturalizam estes comportamentos. Dentro dessas estruturas, a escola dissimula uma aparente neutralidade, mas torna-se seletiva e determinante na vida dos indivíduos. Ainda para o sociólogo, não há possibilidade de romper com este ciclo. “A ação pedagógica torna-se, então, impositiva, à medida que reproduz e incute em seus alunos esta série de normas e comportamentos sociais, fazendo com que interiorizem os princípios abordados”.

O segundo autor citado neste capítulo, Antônio Gramsci (1891-1937), atualiza as ideias de Marx. Segundo ele, para que as classes dominadas obtenham poder, é necessária uma revolução no cotidiano, em todos os espaços de poder dispostos na sociedade. Não basta extinguir a exploração econômica, uma vez que as ideias também exercem forte coerção sobre os indivíduos. O sociólogo cita os intelectuais como peça fundamental nesse processo de luta pelo poder, e eles são formados justamente na escola: como líderes, são instrumentos de expressão da vontade coletiva. Vale ressaltar que as escolas responsáveis pela instrução do intelectual têm um conteúdo de classe. A formação humanista e integral é reservada aos filhos de classes dominantes, enquanto os demais têm acesso a um ensino técnico e conteudista. Para Gramsci, a solução para esta educação dualista reside justamente numa escola unitária, onde os alunos menos favorecidos teriam também acesso a uma formação mais ampla.

Por fim, o sociólogo Mannheim (1893-1947) retoma as ideias de Weber e, a partir delas, cita uma perspectiva de mudança educacional. O autor defende a sociologia como embasamento teórico para alunos e educadores, com o objetivo de compreenderem a situação educacional moderna. Acreditava que o pensamento social não explica a vida humana, apenas a expressa. Defende ainda uma sociedade essencialmente democrática, racional e governada por cientistas.

Apesar de o sistema capitalista ter gerado desigualdades econômicas e sociais, isto traz ao processo educacional diferentes culturas e a comunicação entre estas camadas. Mannheim defende que, “quanto mais a vida é racionalizada,

mais a educação deve ser consciente, de forma que o aluno perceba o meio em que vive e as mudanças que ocorrem”. Neste sentido, a democracia moderna abre espaço para que todas as camadas sociais contribuam no processo educacional.

No penúltimo capítulo, intitulado A “análise da educação contemporânea”, o autor convida o leitor a fazer a leitura do último capítulo, que é o artigo “A educação e os novos blocos hegemônicos”, de autoria de Michael Apple, a partir das teorias apresentadas nos capítulos anteriores.

## Referências

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.